

CORPO E IMAGEM

Um estudo sobre a construção da identidade feminina através da Fotografia de Moda da revista Vogue francesa dos anos 20 e 30.

Autora: Caroline Vargas

Resumo

O corpo é o suporte das criações e transformações de significados que constroem a identidade individual e social. Através da moda, o indivíduo se constrói ao passo que se apropria de elementos constituintes da sua identidade expressa para a sociedade e para si mesmo. A imagem fotográfica está presente neste processo de construção da identidade. O olhar do fotógrafo, o modelo fotográfico, as formas, cores, linhas e o vestuário são componentes formadores de uma identidade. Seria possível reconstruir imagetivamente, através da fotografia e de sua composição, do vestuário e da mulher que o veste, a identidade feminina veiculada pela revista Vogue de 1920 a 1940?

Palavras-chave

Moda, Identidade, Fotografia.

Résumé

Le corps est le support de créations et de transformations des signifiés qui construisent l'identité individuelle et sociale. À travers la mode, l'individu se construit au moment où il s'approprie des éléments constituant son identité exprimée pour la société et pour soi-même. L'image photographique est présente dans ce processus de construction de l'identité. Le regard du photographe, le modèle photographique, les formes, les couleurs, les lignes et les vêtements sont des composants formateurs de l'identité. Serait-il possible de reconstruire à travers l'image photographique et de sa composition, les vêtements et la femme qui les porte, l'identité féminine véhiculée par le magazine Vogue de 1920 à 1940?

Mots-clés

Mode, Identité, Photographie.

Caroline Vargas. Mestranda em Múltiplos Meios (Instituto de Artes –Unicamp).

Introdução

**As roupas
de uma mulher são revelação
permanente de seus pensamentos mais
secretos, uma linguagem e um símbolo.**
Honoré de Balzac, *Une fille d'Eve*

O corpo é o suporte. Corpo físico que é gerado a partir de uma combinação dos genes que se caracteriza como a primeira pele, aquela que é marcada não só pelas ações do tempo e da história, mas também através de modificações voluntárias que vão desde as cirurgias plásticas às tatuagens, *peircings*, pinturas corporais e a moda, no que concerne o vestuário e seus acessórios.

O revestimento do corpo com peles e o ato de enfeita-lo com conchas e outros objetos provenientes da natureza datam da pré-história. Desde o princípio da existência humana, pode-se afirmar que o homem em diferentes civilizações se revestiu e se ornamentou de alguma forma. No intuito de estabelecer uma comunicação visual de posição social, econômica, de poder ou de pertencimento tribal, as diferentes maneiras de construir a segunda pele humana sempre estiverem presentes.

Para David Le Breton, ao indivíduo mudar o seu corpo, ele pretende mudar sua vida, modificar seu sentimento de identidade. O corpo é assim apresentado como um objeto a ser construído segundo a moda, como o revelador da nossa personalidade e como imagem que os outros reconhecem e escolhem.

A moda concretiza através de suas criações a possibilidade de uma construção de uma identidade e de um sentimento de identidade. Segundo Kathia Castilho, a moda concretiza desejos e necessidades de uma época, circunscrevendo os sujeitos num determinado espaço de significação. No momento em que o sujeito faz suas escolhas perante um determinado leque proposto pela moda, ele se reveste de elementos constitutivos de uma identidade que o situa dentro de um estilo maior inserido naquela sociedade. A apropriação do corpo pela vestimenta e pelos adornos como as bijuterias, pinturas corporais, tatuagens e *peircings*, é o resultado de um processo envolvendo o indivíduo (dono de seu corpo/matéria), os elementos de adorno existentes (roupas e artefatos) e o sistema da moda (fator orientador dos indivíduos em diferentes espaços e tempos).

A roupa é uma segunda pele que recobrimo a primeira compõe a aparência final do sujeito.

Segundo Ana Claudia de Oliveira:

“As roupas compõem uma arquitetura têxtil em que cada linha tem um sentido: de um lado, corresponde a um conjunto de objetos fabricados, servindo para cobrir o corpo humano e para protegê-lo, de outro serve para embelezá-lo, ornamentá-lo ou dar-lhe uma característica determinada, com o propósito de marcar o seu papel na cena. O que as roupas codificam é um gosto específico e efêmero, um papel actancial (ou atorial, talvez,) em uma estória localizada no tempo e espaço, mas também uma concepção do corpo, da posição sócio-econômica-cultural do indivíduo no seu grupo de origem, seu caráter psicológico e seus humores. No geral, as roupas ajudam a transmitir os valores de uma sociedade: elas veiculam assim uma concepção ética e estética”.

A composição do corpo através de elementos da moda pode ser considerada como uma comunicação visual do indivíduo em seus diversos aspectos, social, econômico, profissional, cultural assim como os seus anseios, suas preocupações ou desejos.

A moda concebida como sistema incessante de novas criações pode ser elemento essencial na concepção da identidade, dos anseios, dos aspectos históricos e econômicos de uma determinada época em diferentes espaços.

A Moda e a Fotografia

A concepção de moda e de apresentação de si vista através da ótica da fotografia é elemento revelador de memória, história e construção de identidade de uma determinada época. A imagem fotográfica antiga é causadora de estranhamento perante aqueles que não vivenciaram o momento registrado. Pode ser o elemento provocador de memórias e lembranças, pode ser documento ou retrato de um real, como foi e muitas vezes é concebida a imagem fotográfica. A imagem é um traço do real, afirma Philippe Dubois. Como traço do real e registro do “isso foi” definido como o “noema” da fotografia, por Roland Barthes, a fotografia de moda pode desvelar os traços de uma identidade que permeia uma determinada época. Certamente o olhar do fotógrafo, a concepção do modelo, a criação de moda e outros elementos constitutivos da imagem são componentes desta identidade criada e veiculada pela revista de moda. Os jogos de influência entre o retrato pintado, o retrato fotográfico, os desenhos de moda e a fotografia de moda no século XIX são muito complexos, pois os fotógrafos diante do problema em realizar uma foto de moda, simplesmente aplicaram as regras do retrato. As fotografias da época tendiam a se assimilar às convenções, a pose e a expressão presentes nas ilustrações de moda do final do século XIX. Vários detalhes da vestimenta, assim como os chapéus e acessórios eram retocados

pelo pincel. Até então a fotografia estava vinculada aos parâmetros da pintura; é a partir da década de 1910 e principalmente 1920, com o desenvolvimento tecnológico que a fotografia cria uma nova perspectiva óptica. O jogo claro-escuro, as sombras, a descoberta dos ângulos e das perspectivas, o não uso da câmera e a foto montagem levam a fotografia a parâmetros novos, onde a crítica de arte tradicional não se estabelece como referência. A fotografia se constrói por si mesma, segundo os seus novos parâmetros desejosos de se construir como uma forma de expressão à parte da pintura.

A partir do estudo da fotografia de moda da revista Vogue francesa durante as décadas de 20 e 30, analisando a composição de formas, cores e linhas, a postura do modelo e a composição do vestuário pode se conceber a identidade feminina criada pela revista e também retratada pela mesma.

Segundo Kathia Castilho, por meio da moda podem ser recuperadas as identidades do sujeito. Uma vez que a moda se constitui como um dos extensores do próprio ser humano, filiando-o a determinados discursos sociais que veiculam sua visão de mundo, seria a fotografia um elemento essencial na reconstrução de identidades passadas?

Através das imagens veiculadas pela revista Vogue, nota-se na análise da evolução da técnica fotográfica, das formas, das linhas, do enquadramento, uma transformação que ocorre não só no campo da fotografia de moda como nos movimentos artísticos de vanguarda dos anos 20 e 30 na França, assim como uma brusca transformação no que concerne à moda feminina.

A influência de Coco Chanel nos anos 20 e de Elsa Schiaparelli nos anos 30 se unem ao contexto histórico do entre guerras e dos movimentos artísticos como o Modernismo, o *Art-Déco* e o Surrealismo, realizando-se o nascimento da mulher moderna. Através das lentes de George Hoyninguen-Huene, Man Ray, Horst P. Horst e Erwin Blumenfeld a moda, a identidade feminina e a fotografia de moda se conjugam e são um deleite para a apreciação não só de uma concepção de fotografia ou de moda, mas a concepção de mulher inserida numa identidade de moda.

A não utilização do “*flou*” que conferia um aspecto nublado a imagem, técnica empregada por fotógrafos como Baron De Meyer, é a marca do surgimento de uma nova estética. A busca por retratar a realidade vista nas ruas e nas formas provenientes dos desenvolvimentos das cidades faz com que a nitidez e os tons definidos do preto e do branco ganhem força.

As posturas clássicas do modelo vão pouco a pouco perdendo espaço não só pelo fato do desenvolvimento tecnológico que permite uma performance melhor dos fotógrafos, mas também pela busca de uma composição geométrica mais arrojada. O Modernismo, as linhas do *Art-Déco* e o Surrealismo introduzem linhas geométricas que compõem o pano de fundo, o enquadramento e muitas vezes a estampa ou o corte da vestimenta.

O corpo da mulher sofre grandes transformações que se impõem através da moda da época. A silhueta longelínea, os cabelos curtos, as faixas que achatam os seios, a aceitação da pele bronzeada pela alta sociedade são marcas presentes nos corpos dos modelos. Na década de 20, nota-se um corpo que abandona o formato ampulheta da *Belle Époque* e caminha em direção a androginia sem perder a delicadeza feminina. Já nos anos 30, um corpo afunilado com os cabelos curtos marca uma mulher glamourosa que assume cada vez mais o glamour, mas também a praticidade feminina, traduzida nas vestimentas e acessórios. É impossível falar de moda e não falar dos acessórios, notadamente o chapéu, que na época é um referente essencial para a definição de estilo, de personalidade e de identidade. Os chapéus *cloche*, a palheta e aqueles de abas largas presentes na década de 20 são traduzidos pela moda da década seguinte em pequenas boinas, tricórnios e chapéus menores que evidenciam glamour, porém praticidade.

A composição dos elementos cromáticos, eidéticos, topológicos e matéricos evidenciam na imagem fotográfica o plano da expressão. No entanto, a mulher e sua expressão quanto objeto fotografado se relaciona com o olhar do fotógrafo e sua expressão artística possibilitando então uma construção, através do olhar do observador, de um percurso que revela uma identidade feminina proposta pela revista *Vogue* numa determinada época. A moda é efêmera, mas as imagens da revista são uma verdadeira documentação sobre o universo feminino do século XX. Não somente em relação ao que as mulheres usavam, mas sua aparência, a forma que eram vistas e como queriam ser vistas. Através das fotografias de moda da revista *Vogue* vê-se mais do que o retrato de vestimentas e acessórios do *dernier cri*, vê-se um universo particular de mulheres que se constroem através de belos ornamentos e que são construídas pela moda e pela fotografia, revelando assim uma identidade da fotografia, da moda e da mulher que ali representada é portadora de uma identidade que pertence a uma determinada época.

Bibliografia

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUDOT, François. *Moda do século*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

BLUM, Dilys. *Elsa Schiaparelli*. Paris: UCAD, 2004.

CASTILHO, Kathia. *Destinos da moda: semiótica, design e corpo*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.

CRANE, Diana. *A moda e seu papel: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

EWING, William. *Blumenfeld – le culte de la beauté*. Paris: Éditions de La Martinière, 1996.

_____. *Hoyninguen-Huene – L'élégance des années 30*. Paris: Thames & Hudson, 1998.

FORESTA, Merry, PHILLIPS, Sandra. *Man Ray*. Paris: Gallimard, 1989.

FRIZOT, Michel. *Nouvelle Histoire de la Photographie*. Paris: Bordas, 1994.

KAZMAIER, Martin. *Horst – Sixty Years of Photography*. Munich: Universe, 1991.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade*. Campinas: Papyrus, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MADSEN, Axel. *Chanel*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

Currículo

Caroline Vargas. Jornalista formada pela PUC-Campinas em 2004. Fotógrafa. Realizou cursos de fotografia e de língua francesa durante estadia de dois anos em Paris e Lyon, na França (2001-2002). Mestranda em Multimeios no Instituto de Artes da Unicamp sob orientação do Prof.º Dr. Roberto Berton. Conclusão: 2008 Professora de francês na Aliança Francesa de Campinas. Áreas de interesse: Fotografia, Moda e Antropologia Visual.